

EXPERIÊNCIAS COM WEBQUEST: CAPACITAÇÃO DOCENTE PARA MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA EM SALA DE AULA

Iasmin Araújo Bandeira Mendes
Emy Pôrto Bezerra

Universidade Federal de Campina Grande
iasminabmendes@gmail.com
emyporto@gmail.com

Resumo

Este artigo é um relato de experiência fundamentado por vasta pesquisa bibliográfica no campo da comunicação/educação, mais precisamente sob a denominação de educomunicação. O trabalho tem como objetivo discutir o uso das linguagens tecnológicas em sala de aula e a atuação do professor enquanto mediador deste processo, compreendendo, portanto, os novos paradigmas comunicacionais que envolvem a escola profissionais da educação e, principalmente, os alunos no século XXI. A integração inevitável da tecnologia no cotidiano dos sujeitos da zona urbana brasileira torna necessária e urgente a remodelação da escola tradicional de forma a adaptá-la a realidade do momento histórico em que está inserida, que engloba uma sociedade em transição. Nesta perspectiva, a WebQuest é uma ferramenta de ensino que permite ao estudante ter certa autonomia quanto ao tempo e modo de seu processo de aprendizagem. Para que ferramentas como esta sejam introduzidas no ensino básico, porém, é necessário que os professores estejam preparados para lidar com a tecnologia em sala de aula e com todos os novos paradigmas que esta realidade traz para o sistema educacional brasileiro. Esta pesquisa-ação aconteceu agregando teoria e prática, uma vez que, ao longo do estudo, foi desenvolvida uma oficina para professores e alunos de licenciatura com o objetivo de capacitá-los ao uso da WebQuest. Para a oficina, o produto (WebQuest) foi a própria metodologia, o que comprovou a eficácia da abordagem com os participantes da oficina. O próximo passo da pesquisa será uma pesquisa de campo para explorar de que forma as WebQuests produzidas na oficina serão utilizadas em sala de aula e perceber a eficácia e desafios desta abordagem ao ser aplicada para alunos do ensino básico.

Palavras-chave: Educomunicação, formação docente, mediação tecnológica, webquest.

1 Introdução

A educomunicação estuda os processos comunicacionais em ambientes educativos. Sendo comunicação e educação áreas extremamente amplas, a educomunicação abrange na comunicação desde a comunicação interpessoal à comunicação em rede e em educação seus três níveis: formal, informal e não formal.

A educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, costuma ser chamada de educação formal [...] A educação não-formal tem também disciplinas, currículos e programas, mas não oferecem graus ou diplomas oficiais [...] Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os

conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência. (GASPAR, 2002, p. 171-173)

Metodologicamente, sete áreas de intervenção se solidificaram no estudo epistemológico da educomunicação para que se compreenda as diferentes formas como a educação e a comunicação se tangem.

Quadro 1 – Áreas de intervenção da educomunicação

CAMPO FUNDANTE	Media studies	Educação	Artes	Comunicação Social	Educação	Educomunicação	Administração/ Comunicação Social
ÁREAS	Educação para a comunicação	Pedagogia da comunicação	Expressão pelas artes	Produção midiática	Mediação tecnológica na educação	Epistemologia da educomunicação	Gestão da comunicação
FOCO PRINCIPAL	Capacitar os participantes para a prática da comunicação dialógica, usando - ou não - as tecnologias.	Usar recursos da comunicação para facilitar a construção de conhecimento.	Dialogar, usando as linguagens artísticas.	Produzir conteúdo midiático com intencionalidade educativa.	Inserir as tecnologias na educação.	Estudar a educomunicação.	Implantar e otimizar fluxos de comunicação em ecossistemas comunicativos
	Educação para a comunicação.	Educação pela comunicação.	Comunicação pela emoção.	Comunicação de valores e conceitos, usando produtos midiáticos.	Educação a distância, comunicação mediada por tecnologia.	Divulgação, pesquisa, estudo sobre a educomunicação.	Diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação de ecossistemas comunicativos
VALORES	Igualdade de acesso, relação dialógica horizontalizada entre todos os envolvidos, com tomadas de decisão participativa.						

Fonte: Almeida, 2015. p. 13.

Todas as áreas de intervenção têm como objetivo maior um termo implícito na terminologia educomunicação: a ação (SOARES, 2016, p.3) ou mais precisamente a transformação. Para que um projeto seja considerado educucomunicativo, é necessário que ele impacte positivamente na realidade de seus participantes, modificando o ambiente onde eles estão inseridos e tornando-o mais aberto, horizontal, democrático e crítico.

No presente artigo a área da educomunicação, focou-se na área de mediação tecnológica na educação, que se utiliza da comunicação especificamente no âmbito das tecnologias digitais, mais pontualmente a internet e da educação em seu contexto formal,

nesta experiência, a escola básica.

A comunicação, ao longo dos anos, englobou e superou vários paradigmas, desde compreender a comunicação de forma linear na qual o emissor envia uma mensagem para o receptor através de um meio e este a capta acriticamente, como diz a teoria hipodérmica, que avaliava o receptor como atomizados e amorfos (OLIVEIRA, 2014, p. 35) até a comunicação em rede, na qual emissores e receptores se confundem.

A internet, nesta perspectiva, juntamente com a evolução dos suportes tecnológicos (computador, tablet, smartphone) foi fundamental para revolucionar o entendimento acadêmico e social sobre comunicação. Atualmente, as possibilidades de comunicação se tornaram tão fáceis e instantâneas que as temos a mínimos cliques de distância. Nas palavras de McLuhan, ao que deu título a um de seus livros, os meios de comunicação se tornaram extensões do homem (MCLUHAN, 1979, s/p).

Estas mudanças impactaram os vários ambientes que mediam as vidas dos sujeitos, inclusive a escola e compreender a escola neste novo contexto paradigmático é essencial para poder modificá-la e torná-la adequada ao momento histórico no qual nossa sociedade está inserida.

2 A sociedade do século XXI

Teóricos discutem se vivemos em uma sociedade moderna ou pós-moderna, mas concordam que esta sociedade está em constante mutação. A globalização e as novas tecnologias, além de estarem estreitamente interligadas, são apontadas como motivos para justificar esta conjuntura.

“A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade em experiência, mais interconectado” (MCGREW, 1992, s/p apud HALL, 2001, p. 67).

Ainda em relação à percepção de tempo e espaço na sociedade atual, Hall cita Harvey afirmando que “à medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia ‘global’ [...] e a medida em que os horizontes temporais se encurtam até o ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais”. (HARVEY, 1989, p. 240 apud HALL, 2001, p.70).

Compreendendo que a sociedade como um todo passa a perceber o mundo de forma mais instantânea, conectada e acessível, é necessário discutir e refletir sobre as gerações que já nascem com essas mudanças de paradigmas.

3 Os alunos do século XXI

De acordo com o sistema educacional brasileiro - que vai da educação infantil ao terceiro ano do ensino médio – o brasileiro deve completar o ensino básico aos 17 ou 18 anos. Sabe-se das inconsistências desta faixa etária escolar especialmente na escola pública, mas para o presente estudo não nos ateremos a isto. O fato é que ao final do ano de 2018, os brasileiros em idade escolar terão todos nascido após os anos 2000 e, portanto, são reconhecidos como nativos digitais.

Marc Prensky, pensador norte-americano, chama de “nativos digitais” os que pertencem a geração que sabe falar a língua da tecnologia digital. [...] Os nativos funcionam conectados, acessam informação randomicamente e navegam tranquilamente nos hipertextos. Fazem várias coisas ao mesmo tempo, leem imagens e textos, absorvem rapidamente o que encontram e não se interessam pelos manuais. (SILVA, 2013, p. 141-142).

Uma vez que este é um processo natural para os nativos digitais, eles têm dificuldade em se interessar ou aprender a partir de formas arcaicas de ensino que desconsideram os processos sociais de troca de informações da sociedade atual.

Uma escola que fomenta a reprodução de conteúdo repetido, mastigado e decorado não faz mais sentido no chamado mundo da informação, no qual uma equação de física pode ser encontrada em dois cliques na internet.

Os nativos digitais estão inseridos desde sempre no chamado ciberespaço, este local não-físico no qual permeiam, trocam informações, pesquisam e interagem os indivíduos da sociedade da informação, ou sociedade em rede. Segundo Levy (1999, p.92), a palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Ginson em seu romance de ficção científica “Neuromante”. [...] Ciberespaço (é) o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e memórias dos computadores”. Considerando que Levy escreveu seu livro Ciberultura em 1997, é importante repensar a definição usada por ele retificando o termo “computadores” por “dispositivos digitais”.

Independentemente dos recursos que possibilitam a interação no ciberespaço, porém, a mais importante mudança que ocorreu graças a este novo ecossistema, foi uma nova cultura que surgiu dele, a ciberultura, caracterizada, segundo Levy (1999, p. 127), pela interconexão, criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva.

Considerando esta nova cultura que surge deste novo lugar não palpável de comunicação e informação, é necessário fomentar oportunidades de aprendizagem nas quais

os aprendentes sejam sujeitos de seu processo educativo, nas quais eles possam usufruir de toda a informação disponível para desenvolver conhecimentos significativos.

4 A escola do século XXI

Desta forma, segundo Silva (2013, p.141) “a escola lida com o problema complexo de encontro de dois grupos (os estudantes nativos digitais e os professores (imigrantes digitais))”.

Várias escolas já compreenderam a necessidade de revolucionar a instituição educacional formal, entretanto, em especial nas escolas públicas do país ainda há largos passos a serem dados.

A falta de acesso a tecnologias de informação e comunicação para pessoas de rendas mais baixa ainda é uma realidade. De acordo com a pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) em 2016, enquanto 98% das pessoas de classe A possuem internet, apenas 23% das pessoas de classes D e E a possuem.

Considerando as escolas públicas do país, muitas já recebem (de forma desigual e sem frequência) recursos como computadores e tablets, também muitas delas têm acesso à internet, como se pode ver no quadro da página a seguir:

Quadro 2 – Escolas que possuem computador, por tipo de computador

Percentual (%)		Computador de mesa	Computador portátil	Tablet
TOTAL		98	88	33
REGIÃO	Norte	96	80	27
	Centro-Oeste	97	82	32
	Sudeste	96	85	23
	Sul	99	83	41
	Sul	100	89	37
DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	Pública Municipal	98	81	10
	Pública Estadual	99	90	59
	Total - Públicas	99	86	32
	Particular	96	92	36

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2016. Disponível em: <http://www.cetic.br/tics/educacao/2016/escolas/D3/> Acesso em: 26 jan. 2018.

Quadro 3 – Escolas com acesso à internet

Percentual (%)		Possui computador com acesso à Internet	Não possui computador em funcionamento	Não possui computador com acesso à Internet	Não possui computador	Não sabe/ Não respondeu se possui computador	Não possui computador em funcionamento ou não possui com acesso à Internet ou não possui computador
TOTAL		99	0	0	0	0	4
REGIÃO	Norte	95	0	1	0	0	3
	Centro-Oeste	100	0	0	0	0	0
	Nordeste	99	0	0	0	0	10
	Sudeste	99	0	0	0	0	1
	Sul	100	0	0	0	0	0
DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	Pública Municipal	99	0	0	0	0	7
	Pública Estadual	99	0	0	0	0	1
	Total - Públicas	95	0	0	0	0	4
	Particular	99	0	0	0	0	2

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2016 Disponível em: <http://www.cetic.br/tics/educacao/2016/escolas/D10/> Acesso em: 26 jan. 2018

Considerando a realidade das escolas públicas brasileiras, conhecida empiricamente, percebe-se que apenas os recursos não são suficientes, caso não haja um uso planejado e, para isso, profissionais capacitados. Muitos dos computadores e tablets distribuídos nas escolas acabam por ser abandonados em um laboratório ou utilizados apenas pelos professores como ferramentas tecnicistas. De acordo com Silva (2004, p. 86 apud BEZERRA; COSTA, 2012, p. 151), “cada vez mais a tecnologia precisa ser utilizada na educação, porém, seu uso deve proporcionar o aprendizado natural e não servir para reproduzir currículos ultrapassados. Os conteúdos precisam ser trabalhados de maneira que se tornem plausíveis, inteligíveis e fecundos”. Bezerra e Costa (2012, p. 151) complementam que “As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) não são simplesmente ferramentas a serem usadas, mas processos a serem desenvolvidos”.

5 Os docentes do século XXI

Estes processos não excluem o professor, ao contrário, precisa dele para acontecer de forma coerente. Entretanto, nesta nova lógica metodológica o professor muda de papel. Ele deixa de ser detentor de todo o conhecimento, já que o conhecimento está na rede.

“A principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos que

agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem”. (LEVY, 1999, p. 171).

O que Levy caracteriza como animador da inteligência coletiva, em educomunicação definimos como mediador. Para que haja esta mudança de paradigma de professor (aquele que professa, que mostra o caminho correto) para mediador, principalmente considerando que os docentes atuais não são nativos digitais, precisa-se investir em formação continuada dos profissionais para que o processo de mudança ocorra.

A experiência de capacitação do professor através do método de WebQuest, neste contexto, teve como objetivo “estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação. Educar os educadores para que, junto com os seus alunos, compreendam melhor o fascinante processo de troca, de informação-ocultamento-seducação, os códigos polivalentes e suas mensagens”. (MORAN, 2007, 163)

5 Mediação Tecnológica na Educação

A atuação do educador como gestor de processos comunicacionais para a educação o capacita a estar à frente desta formação continuada a partir de cursos, oficinas, consultoria e assessoria a instituições e profissionais da área da educação. Tornar o professor um mediador do conhecimento é prepara-lo para um futuro que já chegou.

A mediação tecnológica na educação, segundo Almeida (2015, p. 24) visa à incorporação das tecnologias da informação e da comunicação nos processos educativos, de forma a ampliar e multiplicar as oportunidades de aprendizagem, sempre privilegiando a sua utilização humanizada e colaborativa, tendo como centro do processo o educando e o processo de aprendizagem e não o conteúdo e nem a tecnologia.

Segundo Vygotsky (1991, s/p), a interação do sujeito com o mundo não é direta, mas mediada. Barbero, por sua vez, afirma que há várias entidades que mediam a vida deste sujeito, trabalho, família, religião, mídia e escola.

Figura 1 – Os ecossistemas e a formação de sentido



Fonte: ALMEIDA (2015, p.9) tendo por base a Teoria das Mediações de Martín-Barbero (1997)

Percebemos, portanto, que a própria tecnologia já é um mediador, porém, um mediador sem responsabilidade com a educação daquele sujeito. Explico: a internet (que é o foco da metodologia utilizada na oficina que resultou no presente artigo) oferece ilimitado conteúdo ao aluno, mas nem todo este conteúdo é apropriado, filtrado, adequado ao aprendizado do aluno, cabe ao professor em sala, a partir da responsabilidade que ele sim tem pelo seu educando, mediar (não impor!) a interação entre o estudante e o conteúdo para que aquele tenha seu desenvolvimento facilitado, estimulado.

Desta forma, não basta que haja a tecnologia dentro de sala de aula, é necessário preparar os professores a lidar com essas tecnologias em seu processo de ensino, desde o planejamento à avaliação.

6 WebQuest

A WebQuest é uma ferramenta metodológica de ensino que coloca em prática vários conceitos discutidos até então. Trata-se de uma tarefa passada aos aprendentes – através do PowerPoint ou sites específicos – que permite que estes tenham autonomia em sua pesquisa e resolução de problemas.

Etimologicamente a WebQuest associa a palavra “Web”, relativa à rede, neste caso, a internet e “Quest” que significa atividade, questão, tarefa. O professor deve desenvolver com

antecedência a WebQuest de acordo com o conteúdo que deseja trabalhar com os alunos, nela devem estar contidos informações, conteúdos e referências vastas para que o aprendiz possa compreender determinado conceito.

A WebQuest é dividida em cinco etapas: Introdução, Tarefa, Processo, Avaliação e Conclusão. Ao longo destas etapas o aluno terá fomento suficiente para pesquisar, discutir, questionar e compreender um assunto de forma significativa, pois todo o processo de pesquisa feito tem como intuito o desenvolvimento de um produto. Isto porque, não adianta utilizar um recurso tecnológico que precisa de mais planejamento e organização se a tarefa passada será “faça um resumo sobre o texto X” e o processo será o link para este texto. É necessário que a tarefa passada requeira domínio do assunto e fuja das concepções tradicionais de avaliação.

8 Oficina de WebQuest: relato de experiência

A proposta da oficina foi apresentar a educadores e futuros educadores o recurso metodológico WebQuest não como solução messiânica, mas como possibilidade de inovação e utilização de tecnologia em sala de aula.

Até o presente momento, a oficina já foi ofertada em três momentos distintos: a) no curso de extensão “Educomunicação e Formação Docente: novas práticas em sala de aula” ofertado pela Unidade Acadêmica de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande; b) no evento de educação integral Univerão, na cidade de Lauro de Freitas – Bahia e c) na disciplina Práticas Educomunicativas em Web do curso de Educomunicação. Nas duas primeiras oficinas, o público foi professores e alunos de licenciaturas e na última, alunos de educomunicação.

Uma vez que haveria severa inconsistência de fomentar o uso de uma metodologia sem utiliza-la ao ministrar a oficina, desenvolveu-se a “WebQuest das WebQuests”, ou seja uma WebQuest que tem como tarefa para os educandos o desenvolvimento de uma WebQuest.

As oficinas (que atingiram cerca de 35 pessoas ao todo) iniciaram-se em uma roda de interação, debate e conversa e logo depois cada participante era encaminhado para um computador no qual começavam suas pesquisas e o desenvolvimento de sua atividade.

Um importante diferencial desta metodologia é que o aluno não precisa se deter apenas aos recursos disponibilizados pelo professor, eles podem fazer suas próprias pesquisas na Internet.

Entre as três oficinas, a “WebQuest das WebQuests”, recurso fundamental dos encontros, foi melhorada, repensada e redesenhada a partir dos feedbacks obtidos nas experiências.

9 Conclusão

A decisão de utilizar a metodologia proposta como objeto de estudo como ferramenta nas oficinas foi importante para a presente pesquisa, pois permitiu a observação em loco do funcionamento da técnica metodológica estudada.

A mais importante constatação foi que a WebQuest dá liberdade aos aprendentes a terem algum controle sobre o tempo e modo como vão desenvolver a atividade. Alguns dos participantes das oficinas, por exemplo, precisavam de mais ou menos tempo para desenvolver a atividade que estariam propondo e outros tinham mais ou menos dificuldade em compreender como se utilizava determinado recurso do PowerPoint.

Além disso, o professor ou proponente da WebQuest tem mais tempo para acompanhar de forma mais individual e personalizada o desenvolvimento de cada aprendente, tirando dúvidas pontuais e interagindo de maneira mais significativa com cada um dos envolvidos.

Sabe-se que em sala de aula o público-alvo e os objetivos são distintos daqueles das oficinas ministradas, por isso, o próximo passo deste estudo é a aplicação do recurso metodológico WebQuest em sala de aula, no ambiente formal de educação, para compreender como aqueles sujeitos lidam com essa nova metodologia.

Referências

ALMEIDA, Lgia Beatriz Carvalho de. Projetos de intervenção em educomunicação. Disponível em: http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_interven_da_edu co/1 Acesso em: 24 jan. 2018.

BEZERRA, Lebam; COSTA, Isabel. Ensinar e aprender na sociedade da informação. In.: DIAS, Daniele; BEZERRA, Ed. Mídias e Formação Docente. João Pessoa: UFPB, 2012. 246 p.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (Orgs.). Ciência e público: caminhos da

divulgação científica no Brasil. 1ªed. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 100 p.

LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: 34 LTDA, 1999. 260 p.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

MORAN, José. As mídias na educação. In.: Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 (p.162-166)

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. A Teoria Hipodérmica. In.: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando (orgs). Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologia de Ensino. São Paulo, Intercom, 2014. p. 34-54.

SOARES, Donizete. Educomunicação – O que é isto? Disponível em:
http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao_o_que_e_isto.pdf
Acesso em: 24 jan. 2018.

SILVA, Patrícia. A escola na era digital. In.: ABREU, Cristiano. EISENSTEIN, Evelyn. ESTEFENON, Susana. (orgs.). Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. São Paulo: Artmed, 2013. 335 p.

VIGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, A. R. et al. Psicologia e pedagogia: Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. v.1 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991. p. 31-50.